

TOBIAS BARRETO: “NOTAS A LÁPIS” PARA UM PERFIL LITERÁRIO E FILOSÓFICO**TOBIAS BARRETO: “NOTES IN PENCIL” FOR A LITERARY AND PHILOSOPHICAL PROFILE**Aruanã Antonio dos PASSOS¹

RESUMO: O trabalho procura elucidar uma trajetória intelectual de Tobias Barreto de Menezes (1839-1889), figura singular na História cultural do Brasil do Segundo Reinado. Assim, exploramos, especialmente, a importância e o papel da atuação de seu amigo Sílvio Romero na edificação de sentidos para seus escritos e ideias. De modo específico, analisamos a atuação de Romero (1851-1914) na divulgação e organização das “Obras Completas” de Tobias Barreto, publicadas a partir do livro de poesias coligidas por Romero, *Dias e Noites* (1881), e interrompida pela sua morte em 1914. Nosso argumento principal é de que a atuação de Romero na corte imperial no Rio de Janeiro foi decisiva na edificação e ampliação das mitologias que envolviam as ideias e a personalidade combativa de Tobias. Dessa maneira, pretendemos compreender as circulações e transferências locais (e também internacionais) das ideias no contexto do Brasil Império, através da experiência intelectual de Tobias Barreto e sua dinâmica polemista reverberada por Romero.

PALAVRAS-CHAVE: Tobias Barreto. Sílvio Romero. Brasil Império. Literatura.

ABSTRACT: The work seeks to elucidate an intellectual trajectory of Tobias Barreto de Menezes (1839-1889), a singular figure in the cultural history of Brazil during the Second Reign. Thus, we explore, especially, the importance and the role of the performance of his friend Sílvio Romero (1851-1914) in the construction of meanings for his writings and ideas. Specifically, we analyze Romero's role in the dissemination and organization of Tobias Barreto's Complete works, published from the book of poetry collected by Romero, *Dias e Noites* (1881), and interrupted by his death in 1914. Our main argument is that Romero's performance at the imperial court in Rio de Janeiro was decisive in building and expanding the mythologies that involved Tobias' ideas and combative personality. In this way, we intend to understand the local (and also international) circulation and transfer of ideas in the context of Brazil Empire, through the intellectual experience of Tobias Barreto and his controversial dynamics reverberated by Romero.

KEYWORDS: Tobias Barreto. Sílvio Romero. Brazil Empire. Literature.

“Qualquer obra deve conter, para ser apreciada, ou fatos novos, ou novamente descobertos, ou princípios novos ou novas observações de princípios já conhecidos; brilhando em todos estes pontos a verdade”.

Tobias Barreto. Notas a lápis [1872]. In: Estudos Alemães, p. 111.

1. Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco, Paraná, Brasil, aruanaa@utfpr.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0483-3774>.

À guisa de introdução: algumas “notas a lápis”

Muito antes de uma possível disputa pelo legado das obras e ideias de Tobias Barreto (1839-1889) por seus alunos e admiradores, Sílvio Romero (1851-1914) já havia se encarregado da missão de pulverizar o nome do mestre de Escada (Sergipe) pelo território nacional. Ao mudar-se para a corte em 1876 após casar-se e assumir o cargo de juiz em Parati, Romero inicia os combates pelo reconhecimento e estabelecimento do Nordeste e de Tobias Barreto como pontas de lança da elite intelectual, definida, na sua percepção, muito à frente dos intelectuais da corte. Tal propósito será levado a cabo ao longo de toda a vida de Romero junto com as infundáveis polêmicas que travou com um sem número de outros interlocutores.

Dessa maneira, a construção de um perfil biográfico/intelectual de Tobias Barreto se torna impossível, aos nossos olhos, se não for acompanhada pela ação de Sílvio Romero na divulgação e publicização, tanto da vida quanto das ideias e obras de Tobias, movimentos esses que andaram juntos e indissociáveis. As significações construídas por Romero reverberaram e fizeram circular por toda a posteridade de críticos e leitores de Tobias, e ainda que não tenha sido o único a realizar essa tarefa, sem dúvidas, a edificação que produziu é ainda a de maior força e perenidade.

Sendo assim, no esteio da ordenação dos documentos esparsos para o grande público, a edição póstuma dos *Estudos de Direito* de 1892, Romero explica na introdução as razões de realizar o trabalho de publicação das obras de Tobias. O título da apresentação é autoexplicativo, “Porque estou á frente d’esta publicação”² (sic):

Era naturalmente a mim, no caso de eu sobreviver a Tobias Barreto, que havia de caber a tarefa de organizar e dirigir a publicação posthuma de suas obras. Uma amizade de vinte e dous annos, nunca, phenomeno raro no Brasil entre homens de letras, desmentida por um resentimento qualquer, dava-me esse direito. A família, assim espontaneamente o comprehendeu, e foi logo fazendo diligencias que me habilitassem a pôr hombros á empreza (BARRETO, 1892, p. V).

Ainda em vida, Tobias se correspondia com Romero no intuito de fazer reverberar não apenas as obras entre o círculo intelectual, mas também a produção de resenhas, notas, críticas e respostas aos críticos. Em carta de 6 de junho de 1877, Tobias dizia a Romero que: “Como dou muito pelo seu alto senso de methodo, pela *vis organisatrix* do seu talento, peço-lhe que me trace um bom plano de distribuição e organização de meus escriptos” (BARRETO, 1892, p. V). Após o relato das dificuldades em localizar muitos dos trabalhos de Tobias, principalmente na imprensa, Romero

2. Optamos por conservar a grafia original de época encontrada na documentação aqui analisada, inclusive dos nomes próprios. Por isso, grafamos, por exemplo, “Rómero”, “Roméro” e “Romero”, “Silvio” e “Sylvio”.

assim organiza, inicialmente o plano para as obras completas em dez volumes: “Estudos de Direito”, “Estudos Allemães”, “Questões Vigentes de Philosophia e Litteratura”, “Ensaio de Philosophia e Critica”, “Menores e Loucos em Direito Criminal”, “Dias e Noites” (poesia), “Pequenos Escriptos e Pensamentos”, “Discursos, Polemicas” e “*Ruecksichtslose Briefe oder deutsche Schriften brasilianischen Inhalts*”. No entanto, apesar desse projeto, apenas três volumes são publicados até a morte de Romero em 1914. Foram eles: “Estudos de Direito” (Rio de Janeiro, 1892), “Vários Escriptos” (Rio de Janeiro, 1900) e, por fim, as “Polêmicas” (Rio de Janeiro, 1901).

Procuramos assim, a partir da relação entre Tobias e Romero, lançar luz à dinâmica de recepção e transferência de ideias e obras no Brasil Imperial, num contexto de efervescência intelectual e de polemismo como *modus operandi* desse próprio campo de debates. Para tanto, é premente desatar os lances dessa relação e a importância dessa “dialética” intelectual entre dois dos mais importantes intelectuais de nossa História. Esperamos, dessa maneira, contribuir para um olhar outro para essas trajetórias intelectuais no espírito das famosas “Notas a lápis sobre a Evolução Emocional e Mental do Homem” (1884), que marcaram o estilo do pensamento combativo e polemista de Tobias Barreto de Menezes.

Tobias Barreto e a (re) invenção de uma mitologia

Como vimos, apesar dos esforços de Sílvio Romero, caberá ao então governador de Sergipe, Gracho Cardoso, a continuidade do projeto de publicização dos textos de Tobias iniciada por seu ilustre amigo. Na segunda década do século XX, o Estado de Sergipe vivenciava o momento de comemoração do Centenário de sua emancipação política. Segundo Itamar Freitas, “era sua intenção que o Estado dispusesse de uma bibliografia sergipana” (FREITAS, 2000, p. 45). Freitas documenta o clima desse momento nos seguintes termos:

Marcando esse período, entre as vésperas do Centenário e o final da administração Gracho Cardoso, estão a publicação das Obras Completas de Tobias Barreto, organizados por Manuel dos Passos de Oliveira Teles, *Pela imprensa e pelo povo*, do jurista Gumersindo Bessa, *Minha Gente e Álbum de Sergipe* de Clodomir Silva, *História dos Limites entre Sergipe e Bahia*, de Francisco Carvalho de Lima Júnior (1859/1929) e o já citado *Dicionário Bibliográfico Sergipano*. (FREITAS, 2000, p. 45).

A rede de filiações funcionava com o intuito de circular e dar ressonância nos espaços intelectuais das obras e ideias constituindo uma sociabilidade das polêmicas intelectuais que publicizavam os combates e ampliavam o universo dos seguidores e também dos críticos. Os exemplos são inúmeros, destacamos carta de 1908, dirigida

a Phaelante da Câmara, onde Romero saúda a crítica positiva feita por este ao livro de Tobias Barreto, reforçando o circuito positivo dos divulgadores de Tobias. Nas palavras de Romero:

Acabei de lêr o seu trabalho sobre o meu amigo Tobias Barreto. Fique, se é possível, querendo-lhe mais bem, por vêr que v. é sincero admirador do grande brasileiro. (...)

Hoje é fácil escrever do autor dos *Dias e Noites*. Não era, porém, assim quando eu tive de revelar ao paiz. Sim; eu não o estudei, eu o "revelei"; esta é a expressão própria. E o revelei por quasi quarenta annos seguidos e em perto de quarenta publicações diversas... E, cousa sinular! – não me repeti nunca, porque sempre o encarava, por necessidade da lucta contra adversarios desleaes, por qualquer aspecto novo. Aqui era a biographia, allí era o poeta, ou o repentista, ou o orador, ou o humorista, ou o pessimista; além era critico de litteratura, ou da arte; ou da politica, ou da religião, ou de philosophia, ou de direito: acolá era o homem, o "causeur", o propagandista, o polemista, etc., etc.". (ROMÉRO, 1910, p. 211-212).

Na carta, Romero tece ainda sua relação íntima com Tobias reivindicando sua autoridade no que se refere ao conhecimento da vida e obra do sergipano de Escada. Ao reconhecer que a distância da província o impedia de ter uma imagem mais fidedigna de Tobias, Romero não deixa de se posicionar na esteira:

Eu, porém, conheço melhor do que v. o Tobias de Sergipe, da Bahia, da phase poetica do Recife e da luctas iniciaes da critica na Escada (1868-1877). O que se refere a estes ultimos annos por convivencia directa; o que se reporta a tempos anteriores por informações fidedignas delle mesmo, de parentes e amigos do proprio escriptor, nomeadamente – Joaquim Borges Carneiro, José Dantas da Silveira, Terencio Chavantes e M. Barboza Alvares, que fôram seus companheiros de casa no Recife. (ROMÉRO, 1910, p. 211-212).

Prossegue descrevendo o catálogo das publicações que ele edificara:

Os escriptos conheço-os todos.

Os *Dias e Noites* (título dado por mim) fôram publicação minha no Rio de Janeiro, ainda em vida do autor; os *Menores e Loucos* (título também de minha lavra) fôram igualmente por mim publicados em vida delle, no Rio.

Já não fallo nos volumes posthumos que intitulei: Varios escriptos, Polemicas, Discursos, Estudos de Direito, além dos Estudos Allemães, denominação do autor e conservada. (ROMÉRO, 1910, p. 214).

O embate entre divulgadores da obra de Tobias, nesse caso Phaelante e Romero, coloca em evidência que a preponderância almejada da esquematização e leitura de Romero se tornou vitoriosa às custas do reconhecimento entre pares da coerência dessa imagem. Mas Romero, como próprio de seu temperamento, marca sua posição em

relação ao amigo e mestre, posições de desacordo e crítica, mas sempre demarcando a primazia de Tobias na recepção das melhores ideias estrangeiras e na densidade da melhor crítica às nossas mazelas. Nas críticas à falta de reflexão filosófica entre nós – a qual Tobias Barreto seria contraponto – Romero chega a afirmar em sua tese de concurso para a cadeira de filosofia no Imperial Colégio Pedro II em 1880:

Onde estão os trabalhos de philosophia e mais ainda os de philosophia da história devidos a pennas brasileiras, que sirvão de apoio á solução que procuramos? Não existem! Não é sem motivo que esta lacuna é propositalmente lembrada. Desde muito e sobretudo em materia philosophica, os nossos professores officiaes têm a veicidade de haver attingido o gráo supremo, da sciencia humana, sem darem-se comtudo ao trabalho de o attestar por factos publicações dignas de apreço (ROMERO, Apud: KARVAT, 2011, p. 5).

Na advertência que escreve na primeira edição de *Menores e Loucos em Direito Criminal* (1884), Silvio Romero traça um perfil de trajetória de Tobias Barreto nos seguintes termos:

Fundou, de 1862 a 1870, no Recife, a celebrada escola hugoana em poesia. De 1870 a 1880, período em que residiu na pequena cidade de Escada, em Pernambuco, longe de ficar inactivo, vimo-lo lançar as bases de outro movimento intellectual, o germanismo, como substituição á nossa inveterada imitação franceza. De 1880 em diante, applicando-se a Faculdade do Recife, e abrio assim a terceira phaze de sua vida mental: a de professor e jurisconsulto (ROMÉRO In: BARRETO, 1926, p. IX).

Romero acredita que o futuro reservaria reconhecimento literário a Tobias Barreto, ponto de discordância com a opinião de Phaelante da Camara na Carta de 1908. No juízo de Romero:

[...] não posso deixar de dissentir do que v. diz do poeta, “que será esquecido”. Acho que se engana. A acção de Tobias Barreto será sempre lembrada por duas faces: como “o transformador da velha lyrica romantica brasileira”, produzindo algumas das mais bellas joias de nossa poesia (já vê que me refiro ás suas producções mais singelas e mimosas) e como “o transformador da velha intuição do ensino juridico entre nós” (ROMÉRO, 1910, p. 214).

Além do contumaz tom apologético, em se tratando da obra do seu mestre e amigo, Romero não deixa de reconhecer o caráter “demasiado fragmentario” (sic.) da crítica que Tobias produziu. Não à toa, traçar a cronologia correta, na sua visão, ordenar os fatos e estabelecer a verdade sobre os acontecimentos intelectuais de seu tempo é tarefa a qual Romero realizara em confronto mesmo com outros integrantes da Escola do Recife. A proeminência de Romero nas reivindicações sobre a obra de Tobias não

se deu sem combates entre outros discípulos do mestre referencial. Ainda nas “Provoações e Debates”, Romero volta sua crítica uma vez mais à Phaelante da Camara e sua “Memoria Historica da Faculdade do Recife” de 1904.

Sobre a periodização de Phaelante³, Romero afirma tratar-se de “falsificação injustificável dos factos” (ROMÉRO, 1910, p. 218), o que inegavelmente precisaria de correção, já que no Rio de Janeiro os inimigos “baralham os factos, confundem idéas, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar”, e o erro de Phaelante daria munição aos críticos. A grande marca de Tobias, então, se daria pela força de sua presença: “Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas trez phases de sua vida, pelo espirito de reacção, pela intuição critica, pelo temperamento de lucta, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a systema” (ROMÉRO, 1910, p. 214).

Também coloca em confronto a circulação de suas ideias nas províncias e na corte. Romero sonhara com o reconhecimento de Tobias na capital, tanto que mesmo na recepção de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras faz nova reverência ao mestre de Escada. Romero estrutura seu discurso, pronunciado em 18 de dezembro de 1906, todo em defesa da obra e ideias de Tobias Barreto. Seu discurso serve como momento de ancoragem, uma vez mais, da importância de Tobias frente a capital, e mais: a obra de Euclides é medida pela sua comparação com as ideias do mestre da Escola do Recife sempre “atacado pela malevolencia letrada” (ROMÉRO, 1910, p. 342).

Com espiritos, cujo horizonte mental se praz em apertar-se tão singularmente, em cujo céu do pensamento fulgem apenas esses vaga-lumes em vez dos grandes astros aclaradores dos magnos problemas, não admira a cegueira com que negam os titulos, por exemplo, a um dos mais conspucuos chefes intellectuaes da nação, o autor das Questões Vigentes de Philosophia e Direito (ROMÉRO, 1910, p. 343-4).

O discurso de Romero faz longa predileção, senão pela superioridade poética de Tobias em relação a Castro Alves, pelo menos, no seu pioneirismo na constituição do movimento condoreiro. Tobias Barreto passara dez meses em Salvador, em 1861, onde deveria ter iniciado o curso de Medicina, o que não se concretizou. Tem ali, segundo Luiz Antonio Barreto, o primeiro contato com a língua e cultura germânicas, através de seu parente Francisco Moniz Barreto de Aragão, que era diplomado em Direito pela Universidade de Heidelberg (BARRETO, 1994, p. 300). O discurso de Romero

3. O referido erro de Phaelante seria a sua inobservância de um período de transição entre a segunda e terceira fases da Escola e que seria marcada pela passagem do “ultra-romantismo de Hugo e do ecletismo de Cousin” para a “intuição evolucionista” com base na obra Rudolf von Ihering (1818-1892), especialmente influente no campo do Direito. Essa transição também coincide com a ida de Tobias Barreto para Escada e a de Romero para o Rio de Janeiro, ou seja, a dispersão dos dois maiores expoentes do movimento da capital pernambucana.

na recepção de Euclides da Cunha também ressalta que o vulto de Tobias sobreviveria os tempos pela força com que inaugurou o “integralismo social em poesia, do germanismo em litteratura, do monismo evolucionista em philosophia e direito”. No entanto, e apesar do objetivo apologético claro, o discurso proferido por Romero pouco marca das suas discordâncias com a obra do chefe da Escola do Recife para utilizar a sua definição. Mas, ele não se furtou de realizar essa demarcação em outras ocasiões, e se o discurso de recepção a Euclides da Cunha é carregado pelo tom grandiloquente e elogioso, certamente, se deve ao público e a cena de enunciação do mesmo: a Academia Brasileira de Letras e elite intelectual da República.

Teria sido a insistência de Romero de equivaler Tobias a Machado de Assis, e por diversas vezes julgar o primeiro superior ao segundo um dos elementos de adensamento pela crítica do verdadeiro lugar do sergipano em nossa história intelectual? O histrionismo de Romero na comparação seria razão para o descrédito de Tobias na posteridade, essa hipótese é menos especulativa quando levamos em conta a consagração de Machado de Assis nos círculos da crítica literária na corte. Assim, Romero acusado de errar de modo rude e desproporcional na sua insistência da superioridade de Tobias em relação a Machado de Assis, pode ser colocado sob outra perspectiva: o combate de Romero pelo reconhecimento de Tobias e da sua própria origem. Defender Tobias era defender a si próprio, além de projetar sua importância no cenário intelectual brasileiro. A escolha do alvo mirado, Machado de Assis, era acertada se levarmos em conta a notoriedade que este possuía na corte e o propósito de edificar e projetar uma imagem para Tobias no quadro geral dos intelectuais renomados da época. Quatro capítulos do livro de Romero são dedicados a traçar “paralelo” entre o sergipano e o bruxo do Cosme Velho: capítulo VI, XI, XVI, XVIII. Atacar Machado de Assis era para Romero responder de forma contundente, ainda que indireta, aos críticos ferozes de Tobias. Assim,

É que os seus adversários, despeitados talvez com as suas franquezas de crítico e polemista, timbraram sempre, e timbram ainda, em mostrá-lo ao público qual um caráter áspero e sem piedade. E tamanho erro não pode passar sem protesto diante da realidade. E a mais eloqüente demonstração está nas poesias inspiradas ao grande sergipano pela paixão amorosa, que o avassalou por duas vezes com a máxima energia. É neste ponto, sobre todos delicado, sobre todos capaz de deixar insinuar-se escórias menso nobres na pureza do metal dos profundos afetos, que se pode pôr à prova a dignidade nativa do homem. (ROMERO, 1980, p. 1223).

Romero se defende das acusações de “cegueira” crítica quando se debruçava diante das ideias de Tobias. No longo texto de apresentação aos *Varios Escriptos* de 1900 intitulado “Explicações indispensáveis”, Romero justifica uma vez mais a importância de Tobias nos seguintes termos: “defender Tobias, será preciso dize-lo?

É implícita e explicitamente defender uma época inteira, uma phase do pensamento nacional, um periodo historico, toda uma escola litteraria” (ROMÉRO, 1900, p. XVI). Incapaz de assumir erro ou exagero, fazendo apenas relativamente, Romero devolve o ônus da crítica aos seus críticos, para os quais “as arvores não deixam ver a floresta, o indivíduo não deixa ver a vida social, a phantastica e presunpçosa psychologia empana a sociologia” (ROMÉRO, 1900, p. XVI, p. XVI).

Romero declarara o peso de defender Tobias: “por amor de quem tenho sido sempre e sempre um verdadeiro armazem de pancadas” (BARRETO, 1926, p. XXI). Haveria Romero efetivamente ficado “preso á pessima escola de Tobias”, segundo considerações ácidas de José Veríssimo? Inegavelmente, Romero tinha Tobias em mais alta conta, também pela sua postura intelectual, admirada pelo seu amigo e defensor. Uma vez recorremos a suas palavras no texto introdutório aos *Estudos de Direito*:

E elle bem as merecia; porquanto, de todos os homens que, na minha qualidade de critico e propagandista, tive occasião de elogiar e vulgarisar, foi, talvez, o unico que não pagou o serviço com as traições que constituem a essencia da alma dos ingratos. É este, por cento, mais um motivo que me apparece para hoje, como hontem, agora que elle é morto está ainda na estaca para defender a sua memoria, como antes defendi o seu talento e assignalei os seus serviços (ROMÉRO, 1892, p. XVIII).

No entanto, outra face do Romero publicista das ideias e defensor da memória de Tobias Barreto merece, aos nossos olhos, menção. Trata-se da dupla função que Tobias efetiva na própria obra e trajetória de Romero. O mestre sergipano, genial, carismático e recluso na província, combatente aguerrido e destruidor das velhas tradições culturais e intelectuais do Império, constituía modelo, mas também a substância que alavancava Romero e sua ascensão intelectual perante a corte.

Em outras palavras, “Tobias” funcionava como uma espécie de dispositivo discursivo e argumentativo de grande potência na legitimação de um lugar alternativo e singular para o próprio Sílvio Romero. A sua insistência na proeminência de Tobias Barreto fomentava tanto a crítica e polêmica, quanto o abalo dos lugares de enunciação intelectuais em funcionamento naquele contexto. Para tanto, as mitologias do gênio precisavam ser balanceadas com o movimento e os inúmeros seguidores da Escola do Recife (no discurso de recepção a Euclides, Romero usa correntemente a terminologia “Escola do Recife”). Assim, a história dessas apropriações e usos são muito representativas das dinâmicas intelectuais no fim do Império, mas também nas primeiras décadas do regime republicano.

“Um bando de ideias novas”, sua recepção e circulação

Na mesma dinâmica, o uso de autores estrangeiros e a postura de Romero “significava não apenas a possibilidade de interpretação mais sólida da nossa literatura como, sobretudo, ocasião para derrubar o tradicionalismo jesuítico e abrir as portas a uma renovação ampla do pensamento e da sociedade” (CÂNDIDO, 1988, p. 118). Romero formulou a famosa definição do “bando de ideias novas” e acreditava que essas ideias poderiam se articular com uma transformação da tessitura social. Assim, para ele, a crítica “coerente, sendo sociológica, tendia a ser social e acabava normalmente numa política” (CÂNDIDO, 1988, p. 118), logo, Tobias Barreto carregava no pensamento de Romero o que entendemos ser a expressão de uma dupla função: representava um posicionamento político diante dos embates pelo protagonismo no espaço das mudanças culturais e políticas do contexto de transição do Império para República e a invenção e replicação de uma mitologia que esvaziava os sentidos produzidos pela própria ação de Romero na divulgação da obra de Tobias.

Na leitura de Antonio Cândido em relação à posição de Romero e Tobias fica evidenciada uma das imagens construídas pelo próprio Romero, como tentamos mostrar. Qual seja, a de que sua presença na história intelectual brasileira marcaria uma encruzilhada decisiva de rompimento com velhas posturas e tradições “viciosas” da nossa cultura, inaugurando um momento de ruptura e de inovações irreversíveis: “O naturalismo crítico de Sílvio Romero e Tobias Barreto teve, no Brasil, função social de combate, em prol da mentalidade científica e de uma orientação intelectual liberta do formalismo colonial e do beletrismo romântico” (CÂNDIDO, 1988, p. 115), principalmente porque: “o movimento intelectual e científico significava, no campo da cultura, o mesmo processo de rompimento com a autoridade tradicional e o mesmo desejo de afirmação nova e livre” (CÂNDIDO, 1988, p. 116).

Nas palavras de Sílvio Romero, escritas em 1900, do ponto de vista da política: “teve a felicidade de morrer antes de Novembro de 1889”, na aurora da República, e, “se tivesse vivido até o advento de certos grandes homens do actual regimen, e commette-se a simpleza de julgar ainda possível o uso da livre critica que estava costumado a manejar, teria sido preso e quem sabe se não fuzilado?” (ROMÉRO, 1900, p. LIII). Como contraponto temos a obra em dois volumes do historiador sergipano José Sebrão Sobrinho (1898-1973), e publicada em 1941. A tentativa de Sobrinho é desmitificar as imagens edificadas por Romero e também pela biografia de Hermes Lima. O domínio de Romero sobre a trajetória de Tobias é o primeiro ponto questionado por Sobrinho, já que ao partir para a corte Romero teria se distanciado do mestre:

Não foi criação lendária reiteramos. Nisso, nessa dúvida, documenta-nos Sílvio, mais uma vez, de que desconhecia, completamente, a vida sergipana de Tobias

Barreto, da mesma maneira como as cartas íntimas de Tobias Barreto dão provas plenas de que Sílvio pouco ou nada sabia da vida do Mestre como acadêmico no Recife e principalmente, como advogado em Escada. Engraçado é que Sílvio chame ao velho tio materno de mentiroso!... (SOBRINHO, 1941, p. 175).

A projeção das imagens construídas por Romero são acusadas de emocionais por Sobrinho: "Sílvio criava pelo coração, sem saber que tudo isso iria prejudicar ao Mestre!" (SOBRINHO, 1941, p. 181). Prejuízo, no sentido de que qualquer avaliação da obra de Tobias teria sido minada pelas tintas carregadas de excesso elogioso, tanto quanto da expressão da opinião ponderada quanto da polêmica. A produção do ruído e da amplificação desse ruído, muitas vezes, antecedia a simples defesa das ideias, ainda que seja indissociável a ideia em questão e sua retórica. Nesse sentido, a importância de Romero é tamanha, que alguns estudiosos de Tobias Barreto chegam a conjecturar que seu lugar na história da filosofia e do pensamento brasileiro só ocupou o lugar que ocupou devido à atuação de Romero. É o caso de Jackson da Silva Lima, que reforça a imagem de Tobias e o fato de suas ideias terem reverberado, principalmente, pelo empenho de Romero:

A reputação literária de Tobias Barreto teria ficado restrita ao círculo nordestino de um punhado de discípulos entusiastas, e confinada praticamente aos Estados de Pernambuco e de Sergipe, se não fora o vigilante apostolado de Sílvio Romero, cujo desassombro e teimosia impôs o nome do conterrâneo à intelectualidade brasileira, através de dezena de estudos e ensaios. O seu zelo e devotamento chega ao extremo de escrever a Artur Orlando e pedir ao amigo que enuncie, em seu nome, nas páginas do Diário de Pernambuco, a gratificação de vinte mil réis a quem lhe enviar uma cópia do poema 'Hino ao Trabalho', de Tobias Barreto, publicado em jornais de Escada-Pe, 'entre os anos de 72 ou 3 e 77 ou 8' (LIMA, 1986, p. 252).

Sem dúvida, o trabalho de Romero e seu empenho na divulgação de Tobias renderam os frutos desejados, especialmente quando pensamos na circulação e recepção das ideias estrangeiras e sua circulação em território nacional. Não apenas obras de Tobias foram publicadas no Rio de Janeiro, como seu nome frequentava os magazines literários e círculos intelectuais.

Sem o empenho portanto de Sílvio Romero, Tobias Barreto teria passado em brancas nuvens à época de sua atuação, pelo menos em termos de metrópole, como aconteceu com tantos outros talentos provincianos só tardiamente redescobertos. A compulsória aparição do autor de *Dias e Noites* revestiu-se dos pruridos de um verdadeiro escândalo cultural, pondo em alvoroço os turiferários da Corte e seus protegidos, que tudo fizeram, de início, para ignorar a incômoda presença, passando, em seguida, a vê-la com ostensiva reserva (LIMA, 1986, p. 252).

Mas, não é absoluto o consenso de que Romero tivesse pleno domínio sobre a trajetória do mestre. Além de Sobrinho, Jackson Lima também reforça os supostos lapsos cronológicos de contato entre Tobias e Romero. No entanto, além da correspondência jamais interrompida entre ambos, temos conhecimento de que Romero solicitava a outros alunos, discípulos e amigos informações sobre Tobias e sua produção, que circulava, principalmente, nos jornais do Recife. Exemplos são diversos: correspondências entre Romero, Beviláqua, Artur Orlando e muitos outros. Em carta sem data remetida a Artur Orlando, Romero relata seu trabalho com os papéis de Tobias após a morte deste e documentando a movimentação dos escritos esparsos e o importante trabalho de Orlando no processo:

Caríssimo Artur

Recebi a primeira remessa dos papéis de Tobias. Muito pouco há ali a joeirar; há muita coisa truncada, e muita coisa por terminar. Os cadernos com as notas da *literatura comparada* são inaproveitáveis. Dêste escrito, aliás importante, salva-se apenas a parte publicada no *Jornal do Recife*. Peço-te coma maior instância que me mandes a narrativa dos últimos momentos de Tobias, que me prometeste, e ainda não veio. Peço-te que envies o resto da papelada, não esquecendo especialmente a coleção do *Americano* que sei que Tobias possuía, e ainda mais o grande livro manuscrito com as poesias. Sem as poesias não é possível fazer nada, e, entre os trabalhos de prosa, sem a coleção o *Americano*. Sei mais que ele publicou artigos, no *Correio Pernambucano*, *Jornal do Recife*, *Diário de Pernambuco*, etc. É preciso vir tudo isto; venha também a polêmica com os *padres do Maranhão*. É preciso ter tudo aqui para poder fazer a escolha e dirigir a publicação verdadeira das obras do grande mestre e ótimo amigo. Dirija-se ao Bacharel Siqueira, filho de D. Môça, mulher do Siqueira, que foi aí diretor do teatro. Ele tem muita coisa de Tobias. Quando aí estive vi um grande caderno dêle cheio de artigos de nosso amigo. A D. Môça também tem muita poesia de Tobias. Peça-lhe cópias. A D. Leocádia também; peça-lhe. Não se esqueça dos artigos contra o *Taunay*, dos quais há uma parte *inédita*. Aqui é difícil arranjar isto. Outrossim, é preciso enviar-me a coleção de Obras publicadas; porque a minha coleção eu dei a Rui Barbosa, e não hei de tomá-la. Veja discurso. Enfim tenha paciência e ajude-me na empresa. Aproveitemos o ensejo. Só assim elevaremos um forte monumento à obra do mestre. Do contrário, ele ficará sempre e sempre mal julgado.

Responda-me logo e logo. O que têm sobre a pensão? Não despreza o auxílio do J. Mariano.

Sílvio Romero (RABELLO, 1967, p. 218-9).

Em outra carta, pede ajuda a Orlando, solicitando defesa de Tobias, que era então objeto de críticas na imprensa. Em trecho da carta, sem data, aparece um dos mecanismos explorados pelos partidários de Tobias na defesa de suas ideias: o acionamento de alunos e discípulos capazes de defender das críticas utilizando os espaços que possuíam na imprensa, fundamentalmente.

[...] Você não é discípulo, como diz em carta, é mestre e mestre provecto e consumado! No que tiver de escrever terei de dar resposta ao torpe Medeiros, pois continua a atacar o nosso Tobias!!!... Felizmente êste foi, nos últimos tempos, objeto de 4 estudos valorosíssimos: o seu nos *Ensaio*s, o de Clóvis – nos *Juristas Filósofos*, o de João Bandeira nos *Estudos e Ensaio*s e o de Faelante na *Revista da Faculdade de Direito do Recife*. Você deve conter Medeiros de viva voz aí do Rio.

[...]

P.S. Diz Medeiros *que nada de original há em Tobias!!!*... Há sim: há a iniciativa sempre pessoal da inteligência que o fez ser abridor de novas fases no Brasil – na *poesia*, na *filosofia*, na *crítica* e no *Direito*. E há mais de 50 idéias novas espalhadas nos livros dêle. Mostrarei... (RABELLO, 1967, p. 221).

Outro exemplo da circulação entre os apologéticos é a obra de Clovis Beviláqua, onde se cruzam a publicização de Romero e de Tobias paralelamente. Ao comentar a obra de Tobias, ele destaca a individualidade deste em relação a Romero: “O estudo do Dr. Tobias Barretto constitue uma excepção á indole geral do livro, pelo tom em que está escripto e pelo desenvolvimento que lhe foi dado”, isso porque, segundo Beviláqua: “a poderosa individualidade litteraria do Dr. Tobias Barretto se avulta sobre as que lhe ficam em torno, na História da litteratura brazileira, como o cedro alteroso se avulta sobre as gramineas que rastajam pelo solo e sobre os fetos arborescentes... *quantum lenta solent inter tiburna cupressi*, como diz Virgilio” (BEVILAQUA, 1899, p. 140).

Wilson Martins chega a afirmar que Tobias Barreto é invenção de Sílvio Romero, sem o qual aquele teria ficado restringido e preso ao seu tempo e espaço. Romero, o porta-voz, teria edificado um mito que transcendera a sua própria capacidade de sustentação ao comparar Tobias e definir sua superioridade em todos os campos que produzira – da poesia à filosofia – e em contraposição a seus contemporâneos, especialmente Castro Alves e Machado de Assis.

O segredo do extraordinário e absorvente prestígio de Sílvio Romero está em que, apesar de tudo, ele servia de porta-voz a essa nova mentalidade, podendo, assim sobreviver a defeitos e deficiências que teriam destruído qualquer outro. Sem a sua ação de propaganda doutrinária, polêmica sarcástica, reivindicações clamorosas, Tobias Barreto não teria passado de obscuro professor provinciano, inimigo do Comtismo, como eram todos os ‘cientificistas’ do momento e simples elo de transição, como quer Antônio Paim, entre o Ecletismo e a obra de Farias Brito: em fins de capítulo. Contudo, Sílvio Romero ‘em grande parte o inventou-o’, dizia pitoresca e acertadamente Araripe Júnior, e inventou-o também como poeta, superior, garantia, a Castro Alves, e sobre o qual publicou longo estudo na *Revista Brasileira* de 1881. (MARTINS, 1979, p. 148).

Não exige grande esforço crer em julgamentos como o de Martins após nos confrontarmos com qualquer opinião de Romero em relação a Tobias Barreto. Nesse

sentido, o mestre referencial da Escola do Recife teria ficado restringido ao seu tempo por ser apenas comentador das ideias europeias, não produzindo um pensamento original ou sistemático. Na crítica ao romantismo, por exemplo, Tobias chega a discordar de Sílvio Romero e seus estudos sobre a poesia popular. A divergência nessa questão desvela aspecto importante da defesa de um “esquema teórico” por parte de Tobias Barreto. Em carta enviada a Romero, transcrita por este em uma das obras que organizou, Tobias discorda do valor da poesia popular, já que ela remetia a valorização dos românticos das manifestações culturais populares, seus mitos e folclore. Romero tinha clareza da importância dessas manifestações e as comparava ao Veda, a Ilíada e a Odisseia em valor cultural. Mas, para Tobias, Romero teria cedido a uma das mais “estranhas preocupações românticas” (BARRETO, 1892, p. XI).

Poderíamos questionar se a crítica à metrópole realizada em Tobias teria raízes no Romantismo tão apreciado pelos autores preferidos do Império. Ademais, segundo Jorge Carvalho do Nascimento, o Romantismo edificou “tentações” que levaram os românticos brasileiros a articularem uma crítica consistente da sociedade (NASCIMENTO, 1999, p. 62). Dessa forma, criticar e desmontar as principais ideias dos românticos significa ser nota dissonante nesse universo das ideias, logo chave de distinção. Por outro lado, a postura romântica de contestação do *status quo* é um paralelo com a postura combativa de Tobias e Romero. Como aponta Rosenfeld, ao definir esse espírito romântico:

Há algo de “satânico” na atitude desses românticos – no seu niilismo, nos seus chistes, no seu misticismo por vezes libertino e no seu saudosismo dilacerado de fusão, integridade e identidade. Graças a este saudosismo se tornaram descobridores de mundos longínquos – mundos históricos, exóticos, folclóricos. Mas enquanto buscavam na distância do tempo ou do espaço a unidade e inocência, realçavam ao mesmo tempo o esfacelamento, a fragmentação, o homem-espelho, desdobrado em reflexos, o homem-máscara, o duplo, o sócia, o homem que vendeu a alma, o homem que vendeu a sombra e perder a estabilidade, a raiz, a “pátria”, exilado que é da unidade paradisíaca. (ROSENFELD, 1996, p. 161).

Contradição então entre a postura dos intelectuais do Recife, especialmente Romero, que ao se posicionar como um iconoclasta acabou por edificar a figura de Tobias como expoente máximo do pensamento avançado de seu tempo. Segundo Sylvio Rabello, a intenção de Romero ao continuar a obra de Tobias era a de consolidar a prioridade das ideias novas, logo as suas no quadro geral de recepção dessas ideias:

Fazer da figura de Tobias o centro da vida intelectual do Brasil e também o seu momento de maior culminância; chamar a si a prioridade em tudo quanto fôsse questão de ciência ou de filosofia, como divulgador em primeira mão de autores novos, de sistemas em moda, como iniciador de certa ordem de estudos, de certa ordem de idéias” (sic.) (RABELLO, 1967, p. 165).

É inegável que Romero construía a sua própria posição intelectual, posição essa que transcendia o papel de defensor e divulgador do nome de Tobias Barreto. “Em muitos aspectos, guardaria Sílvio Romero a sua autonomia intelectual – a sua personalidade – em face do pensamento de Tobias, pensamento que tinha muito de lúcido e até de penetrante, mas também muito de soberbamente preconcebido” (RABELLO, 1967, p. 67). Aos nossos olhos, não parece esse ser a maior fragilidade de Tobias, já que a velocidade com que transitou entre ideias, autores e obras estrangeiras acontecia após seu contato com essas ideias e não o oposto, como deixa a entender o julgamento de Rabello.

Considerações Finais

Sílvio Romero e Tobias Barreto também discordaram por muitas vezes ao longo de seu período de amizade. Mas, o papel de Romero na divulgação do pensamento do líder da escola “teuto-sergipana”, como muitos o chamavam, é capítulo fundamental no entendimento da afirmação de Tobias como nome de primeira grandeza no limiar do fim do Império e nas primeiras décadas da República, como procuramos aqui demonstrar. Assim, ainda que Romero considerasse o Tobias poeta, escritor de sensibilidade e grandeza estética, este não poupou críticas ao *publisher* quando julgara que Romero repetiria “erros” típicos dos românticos, especialmente na análise do positivismo em *Doutrina contra doutrina* (1894). Em texto publicado em 1885, na obra *Estudos de Literatura Contemporânea* de Romero, e intitulado “Tobias Barreto como poeta”, texto esse que consta na coletânea de poesias que cobre o período de 1899 a 1904, encontramos a reiteração da imagem do Tobias poeta defendida por Romero, para o qual: “Eis o que foi e o que é o Tobias Barreto como poeta; um lirista brilhante pela imaginação e comovedor pelo sentimento” (ROMERO, 2001, p. 452), e arremata:

Eu o creio bem; mas ainda quando o *teuto-sergipano* não houvesse escrito uma só palavra como prosador seu nome ficaria garantido por suas produções poéticas; seria sempre lembrado como o chefe de uma importante escola nacional de poesia. Pouco importa que tenham tirado para outro a glória da iniciativa. Sua antecedência de mais de oito anos será um dia reconhecida (ROMERO, 2001, p. 452).

Do ponto de vista historiográfico é incontestado a importância da organização das *Obras Completas* iniciada por Romero: “A parcela fundamental da obra de Tobias Barreto havia sido colocada ao alcance da juventude acadêmica graças à publicação póstuma dirigida por Sílvio Romero” (PAIM, 1997, p. 90). Ainda assim, nas décadas seguintes, mesmo no Recife, segunda casa de Tobias, haveria enormes dificuldades no acesso às suas ideias. Exemplo dessas dificuldades é a organização tardia do catálogo da bibliote-

ca de Tobias por parte da Faculdade de Direito do Recife. Através do Catálogo de *Obras Alemãs* da biblioteca particular de Tobias Barreto, sabemos que até 1949 ela não havia sido catalogada e, assim, não poderia ser consultada por pesquisadores interessados nas suas leituras alemãs feitas por Tobias. A coleção acabou compondo o conjunto de obras raras da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, hoje integrante do acervo da Universidade Federal de Pernambuco (COLEÇÃO ALEMÃ DE TOBIAS, 1989, p. 10). O mesmo catálogo traz registro da dificuldade de acesso às obras de Tobias. Trata-se de artigo do professor Joaquim Amazonas, publicado na Revista Acadêmica em 1933 e republicado no Catálogo. Nas suas palavras:

[...] que dos livros archivados na Faculdade, que dos papeis nella existentes, se encontra a respeito do genio portentoso que a iluminou? Nada, absolutamente nada. Sobre seu concurso famosissimo, que elle fez, as provas; que foi classificado em primeiro lugar; que foi nomeado... nada pois existe nos livros desta Faculdade que relembre, que tenha fixado os traços indeléveis da passagem de Tobias (sic.) (AMAZONAS, Apud: COLEÇÃO ALEMÃ DE TOBIAS, 1989, p. 11).

Inestimável então se apresenta a organização das *Obras*, realizada por Romero. Ainda que seu propósito tivesse claras intenções políticas, como tentamos demonstrar, seu esforço resultou, mesmo que inconcluso, na sedimentação de uma posição para Tobias e seu pensamento. Incompleto, o projeto de organização e publicação das *Obras Completas* de Tobias Barreto por Romero, que viria a falecer em 1914 sem contemplar a empreitada, coube ao então governador de Sergipe, como vimos. Para tanto, designou um antigo aluno de Tobias, Manoel dos Passos de Oliveira Teles, para concluir as *Obras Completas*, que acabaram assumindo a dimensão de dez volumes. Oliveira Teles contou com a ajuda de João Barreto de Menezes, filho de Tobias, que, segundo Luiz Antonio Barreto, exercia então a função de arquivista na Faculdade de Direito (BARRETO, 1994, p. 335).

Tobias Barreto jamais poderá ser compreendido em sua integralidade sem uma análise da relação que manteve com Sílvio Romero e as batalhas que este travou por suas ideias e polêmicas. Por fim, concordamos com a afirmação de Ivan Fontes, segundo o qual, “se Tobias Barreto alcançou o patamar de *herói simbólico* do pensamento filosófico e jurídico nacional, foi devido a atuação de Sílvio Romero” (BARBOSA, 2010, p. 244). Não obstante, Romero tinha consciência da importância da organização e publicação dos papeis esparsos de Tobias para a posteridade. As *Obras Completas* mantiveram, mesmo em décadas de latência, o acesso às ideias do mestre que motivara tantos jovens em seu tempo, que testemunharam os efeitos de suas palavras, tal qual o fez Graça Aranha, um dos expoentes da semana de arte moderna de 1922. Ainda na década de 1920, com as comemorações do curso jurídico e com a nova edição das *Obras*

Completas, as ideias do sergipano seriam ressignificadas e mantidas em circulação, ainda que pela voz dos discípulos⁴.

Há ainda um elemento da dialética Tobias/Romero a ser evidenciado: Tobias Barreto colocava um certo nó teórico à obra de Romero que o fazia se aproximar da sociologia em busca de uma solução para o problema nacional do mito das três raças. Assim, como pontua Antonio Cândido: "Sílvio é obrigado a romper a estreiteza dos quadros deterministas e apelar para a ação do indivíduo" (CÂNDIDO, 1988, p. 55). Restam, por fim, os derradeiros momentos de sua vida e a tragédia da morte de Tobias. No esteio de edificação e apropriação pelos poderes políticos da obra de Tobias Barreto, a virada do século mantivera as dificuldades de sobrevivência da miséria à sua família que marcou a sua morte em julho de 1889. Em carta de 21 de agosto de 1903, João Barreto de Menezes, filho de Tobias, pedia auxílio a Artur Orlando frente à indiferença do Estado em realizar o pagamento pelos livros de seu pai. Nas palavras de João Barreto: "[...] com a pensão cortada [...]; não são pequenos os embaraços em que vivemos" (CHACON, 2008, p. 246).

Observando a trajetória filosófica e literária de Tobias Barreto que procuramos traçar e de outros intelectuais de relevo, nos resta a triste realidade de uma nação que não valoriza seus talentos e pouco faz pela memória de seus filhos, cabendo à posteridade a guarda de suas ideias e obras. Tarefa essa mais que singular em tempos tão incertos e obscuros e habilmente levada a cabo pela amizade de Tobias com o intempestivo Sílvio Romero.

Referências

BARBOSA, Ivan Fontes. *A Escola do Recife a sociologia no Brasil*. (Tese de doutorado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

BARRETO, Luiz Antonio. *Tobias Barreto*. Aracaju: Sociedade Editorial do Sergipe, 1994.

BARRETO, Tobias. *Estudos de direito* (publicação posthuma dirigida por Sylvio Romero). Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1892.

_____. *Menores e Loucos e Fundamentos do Direito de Punir*. (Obras Completas V). Aracaju: Edição do Estado do Sergipe, 1926.

_____. *Varios Escriptos* (publicação posthuma dirigida por Sylvio Romero). Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900.

BEVILAQUA, Clovis. *Epochas e Individualidades*. Recife: Livraria Quintas – Editora, 1899.

4. Nas palavras de Rosa Brito: "As comemorações do curso jurídico em 1927, serviram para rememorar a significação da obra da notável Escola. Nos anos vinte, foi editada a obra completa de Tobias Barreto. Seus estudos de direito continuariam merecendo sucessivas reedições. O centenário de Tobias Barreto, em 1939, comemorou-se com enorme entusiasmo. E para a geração que lograria derrubar o Estado Novo, Clóvis Bevilacqua, que viveu até 1944, privando sempre com o professorado e com a mocidade estudantil, era o grande herdeiro da tradição civilista, que se constituiu tomando por base muitas das idéias postas em circulação pela Escola de Recife" (BRITO, 1980, p. 8).

BRITO, Rosa Mendonça de. *Filosofia, Educação, Sociedade e Direito na obra de Arthur Orlando da Silva – 1858/1916*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1980.

CÂNDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CHACON, Vamireh. *Formação das Ciências Sociais no Brasil*. (Da Escola do Recife ao Código Civil). 2.ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008.

COLEÇÃO ALEMÃ DE TOBIAS, pertencente ao acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Faculdade de Direito do Recife, 1989.

FREITAS, Itamar. A "Casa de Sergipe": historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913/1929). Dissertação de mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2000.

KARVAT, Erivan Cassiano. Filosofia da história e civilização em Sílvio Romero: uma leitura de Interpretação Philosophica dos factos históricos (1880). Revista *Ágora*, Vitória, n. 12, 2011.

LIMA, Jackson da Silva. *História da literatura sergipana*. Fase romântica. Aracaju: FUNDESC, 1986.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Vol. IV. (1877-1896). 2. Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *A Cultura Ocultada ou a Influência alemã na Cultura Brasileira durante a segunda metade do século XIX*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1999.

PAIM, Antonio. *A Escola do Recife*. 3.ed. Londrina: Editora da UEL, 1997.

RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. (4^o Volume). 7.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1980.

_____. *Parnaso Sergipano*. (Edição Comemorativa). Organização: Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Ed. Imago; Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001.

_____. *Provocações e Debates* (contribuição para o estudo do Brazil Social). Porto: Livraria Chardron, 1910.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SOBRINHO, Sebrão. *Tobias Barreto, o desconhecido*. Gênio e desgraça. Aracaju: Imprensa Oficial, 1941.